

Economia - Brasil O Brasil pronto para crescer

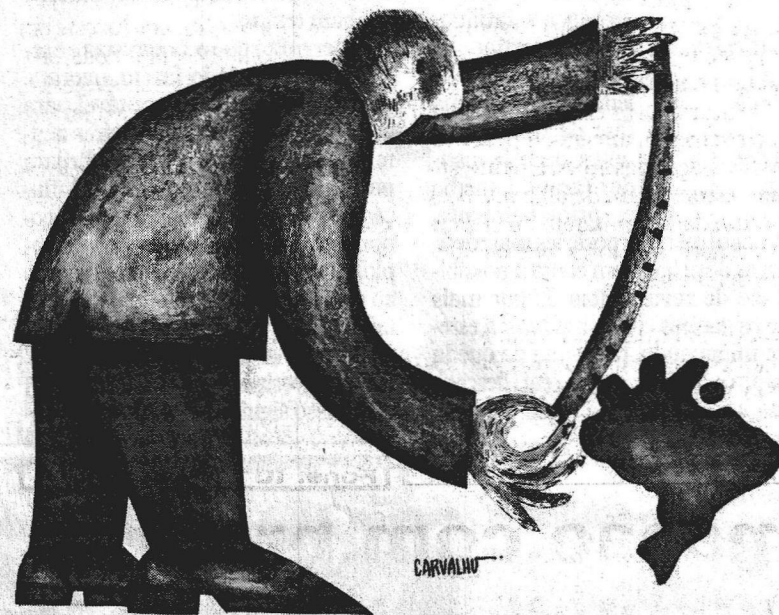
PARA EDWARD AMADEO, VOLTA DO DESENVOLVIMENTO AGORA PODE SER DE FORMA SUSTENTADA, SEM INFLAÇÃO

SUELY CALDAS

A economia brasileira está prontinha, no ponto, para voltar a crescer. E mais: sem medo da inflação. Quem afirma isso é o homem que, no governo, acompanha a pulsação da economia, o sobe-e-desce dos indicadores que emergem da vida real do País. Hoje secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo já ajudou a formular o programa econômico do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições de 1994. Um ano depois começou a afastar-se do partido e de suas teses e passou a dar razão aos companheiros da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) que estavam no governo. Gustavo Franco sobretudo, amigo de sala de aula e antigo companheiro de um conjunto musical de rock, nos tempos em que os dois eram alunos no curso de Economia da PUC.

Na polêmica sobre desenvolvimento, Amadeo está do lado de Malan e distante dos conceitos que saíram da última convenção do PSDB. Não é um expansionista, sua concepção de desenvolvimento tem o setor privado (e não o público) como motor e, embora não oponha restrições ao papel do Estado como indutor de investimentos, prioriza neste momento a disciplina nos gastos públicos, a busca do equilíbrio fiscal como condições para o Estado retomar seu papel de investidor na economia.

Apesar disso, Amadeo acha que chegou o momento de voltar a crescer e de forma sustentada, sem volta – a não ser que uma crise externa novamente crie obstáculos para o Brasil continuar atraindo capitais de investimento. Diferente dos liberais ortodoxos, ele avalia ser mais fácil equacionar a ques-



tão fiscal com a economia crescendo. “Em primeiro lugar”, argumenta, “a receita tributária cresce, a sonegação de impostos tende a diminuir porque as empresas passam a ter folga em seu caixa e o déficit da Previdência

reduz com o aumento das contribuições para o INSS. Além disso, a demanda social é mais atendida pela movimentação da economia e criação de empregos,

atenuando pressões para o governo gastar na área social.”

Em geral, economistas do governo responsáveis pelo controle da inflação tremem quando ouvem falar de crescimento econômico. Tendem a ser mais conservadores, temem que a expansão econômica aumente a circulação de dinheiro e leve a inflação ao descontrole. No caso brasileiro a receita imediata tem sido aumentar a taxa de juro, reduzir o crédito como remédio para fazer a inflação recuar. Edward Amadeo não faz parte desse time de economistas. É claro, dois meses depois da arriscada

operação de flutuação do câmbio e de consultores e economistas – de fora e dentro do governo – especularem que haveria um efeito devastador sobre a inflação e a atividade econômica, a economia brasileira reagiu de forma madura, admirável. Não só a previsão para maio é de deflação, como o Produto Interno Bruto do primeiro trimestre revelou um inesperado crescimento sobre o trimestre anterior. É verdade que a expansão do PIB limitou-se a 1% apenas, mas o importante é que um cenário, que apontava irremediavelmente para a depressão, foi revertido.

Essa reação não chegou a provocar euforia, mas deu ânimo para Edward Amadeo apostar na antecipação da volta do crescimento que, ele acreditava, só aconteceria a partir do terceiro trimestre. Para que o crescimento se dê de forma sustentada e contínua é preciso – enfatiza – que a evolução do desempenho na área fiscal comprove o compromisso com o Fundo Monetário Internacional (FMI) de manter a relação dívida pública/PIB sob controle. E para isso é imprescindível manter a tendência de queda na taxa de juros, variável

que também age a favor do crescimento. Ou seja, o salto para o desenvolvimento depende essencialmente de avanços na situação fiscal do País.

Amadeo acompanha passo a passo os indicadores econômicos e sociais e não teme que o crescimento traga de volta a inflação. Há dois fatores da conjuntura que garantem isso – o desemprego é alto o suficiente para neutralizar pressões sobre aumentos de salários e a indústria opera com 25% de ociosidade na capacidade de produção. Ou seja, a indústria ainda tem um colchão de 25% para crescer sem problemas e o aumento do emprego tem impacto limitado sobre preços porque não pressiona reajustes salariais.

Evidentemente, há gargalos nessa lua-de-mel com o otimismo e o principal deles é o déficit nas contas externas, reconhece o secretário. Se as exportações andam mal e não conseguiram melhorar com a recessão interna, nem com a flutuação do câmbio, imaginem com a economia crescendo. O empresário brasileiro costuma ter sua produção voltada para o mercado interno e só quando não consegue vender aqui parte para o exterior. Além disso, o aquecimento da economia é fatalmente acompanhado pelo crescimento das importações.

Do conjunto de despesas e receitas das transações do Brasil com o resto do mundo, a balança comercial é a mais manejável, a que mais tem condições de atender as necessidades macroeconômicas imediatas do País. E as previsões mais otimistas não garantem saldo comercial acima de US\$ 5 bilhões este ano. Insuficiente. Portanto, o déficit nas transações correntes continuará financiado pelo arriscado dinheiro especulativo que vem de fora e deixa o Brasil vulnerável e enfraquecido diante de crises externas.

■ Suely Caldas é jornalista
e-mail: sucaldas@agestado.com.br